

OS MORFEMAS FINAIS *NE* E *YO* DA LÍNGUA JAPONESA, À LUZ DAS FUNÇÕES DO *KYÛJÔHÔ* (INFORMAÇÕES DADAS) E *SHINJÔHÔ* (INFORMAÇÕES NOVAS) – UM ESTUDO DA SUBJETIVIDADE E EMOÇÃO

*Yûki Mukai*

RESUMO: Os morfemas finais (*shûjoshi*) da língua japonesa situam-se na dimensão do *modus* (modalidade) do enunciado, o qual exprime a atitude subjetiva do locutor em relação ao *dictum* (proposição), tais como julgamento, suposição, volição, emoção e ordem. O locutor usa o morfema *yo* como atitude assertiva, sobretudo quando quer que o destinatário preste atenção ao seu enunciado, razão pela qual ele introduz, na maior parte das vezes, informações novas, as quais constituem o foco dos enunciados. Por outro lado, o locutor usa o morfema *ne* com a expectativa de que o destinatário concorde com ele ou com a intenção de atenuar seu enunciado, introduzindo informações dadas. No entanto, a escolha do morfema *ne* ou *yo* pelo locutor depende não apenas da estrutura informacional do discurso, mas também das suas relações sociais com o interlocutor ou da estratégia usada por ele no momento da enunciação.

ABSTRACT: Japanese final particles (*shûjoshi*) are situated at a *modus* (modality) layer, which expresses the speaker's subjective attitude regarding the *dictum* (proposition) such as his judgement, supposition, volition, emotion and order. The speaker uses the final particle *yo* to express an assertive attitude generally when he introduces new information to which he wants the addressee to pay attention. On the other hand, the speaker uses a final particle *ne*, expecting the addressee to agree with him or in order to make his utterance roundabout, introducing given/old information. However, the speaker's choice of *yo* or *ne* depends not only on the informational structure of discourse, but also on the human relationship or on the strategy used by that speaker in the moment of his utterance.



**PALAVRAS-CHAVE:** morfemas finais (*shûjoshi*); *dictum* (proposição)/*modus* (modalidade); mútuo acordo; interação humana; *kyûjôhō* (informações dadas)/*shinjôhō* (informações novas).

**KEYWORDS:** final particles (*shûjoshi*); *dictum* (proposition)/*modus* (modality); mutual agreement; human interaction; *kyûjôhō* (given/old information)/*shinjôhō* (new information).

## 1. Introdução

A estrutura dos enunciados da língua japonesa, no que se refere à composição da frase – o *dictum* (proposição) e o *modus* (modalidade), os quais exprimem, respectivamente, o conteúdo objetivo da frase e a atitude subjetiva do locutor – tem sido bastante estudada por lingüistas japoneses como Watanabe, Minami, Haga, Hayashi, Nitta e Masuoka.

O presente estudo enfoca os morfemas finais *ne* e *yo* da língua japonesa que se situam na camada externa ao *dictum*, ou seja, na camada pertencente ao *modus*, uma vez que exprimem a subjetividade, a emoção e a volição do locutor. Pretende-se, então, analisá-los à luz das funções do *kyûjôhō* (informações dadas) e *shinjôhō* (informações novas), pois os morfemas finais da língua japonesa estão ligados à qualidade e à quantidade informacional, como se pode observar também com relação aos morfemas *wa* e *ga*. Pode-se, então, considerar que o presente estudo encontra-se baseado no artigo sobre os morfemas *wa* e *ga* que apresentei anteriormente<sup>1</sup>, constituindo uma complementação das reflexões apresentadas naquele artigo.

É preciso acrescentar que, comparado a outros morfemas finais, o uso dos morfemas *ne* e *yo* tem sido foco de atenção de vários estudiosos<sup>2</sup>. Segundo a classificação de Watanabe (1971), eles pertencem a grupos diferentes de morfemas. Tal posição despertou-nos o interesse em analisar mais detalhadamente as diferenças da função modalizadora desses dois morfemas.

Deve-se registrar que o presente estudo será analisado em princípio, do ponto de vista pragmático, da análise do discurso, com base na constatação de que os morfemas finais da língua japonesa aparecem comumente no diálogo informal. Deve-se notar, porém, que o trabalho aqui apresentado está relacionado não apenas à análise do discurso, mas também à sociolingüística, pois a escolha dos morfemas *ne* e *yo* realiza-se na interação pessoal, com base na hierarquia social, razão pela qual Tokieda (1955) denominou-os de “*kandô joshi* (morfemas emotivos)” e Maynard (1993) de “morfemas interacionais”<sup>3</sup>.

1. Yûki Mukai, “A Coesão e a Coerência na Língua Japonesa, à Luz das Funções do *Kyûjôhō* (Informações Dadas) e *Shinjôhō* (Informações Novas), em Contraste com a Língua Portuguesa”. In *Anais do XI Encontro de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa*, 2000. Brasília, Universidade de Brasília, 2001, pp. 135-144.

2. Cf. Senko K. Maynard, 1993, pp. 184-185.

3. Neste estudo, não se tratará dos morfemas de interjeição, dos morfemas compostos, tais como – *yone*,



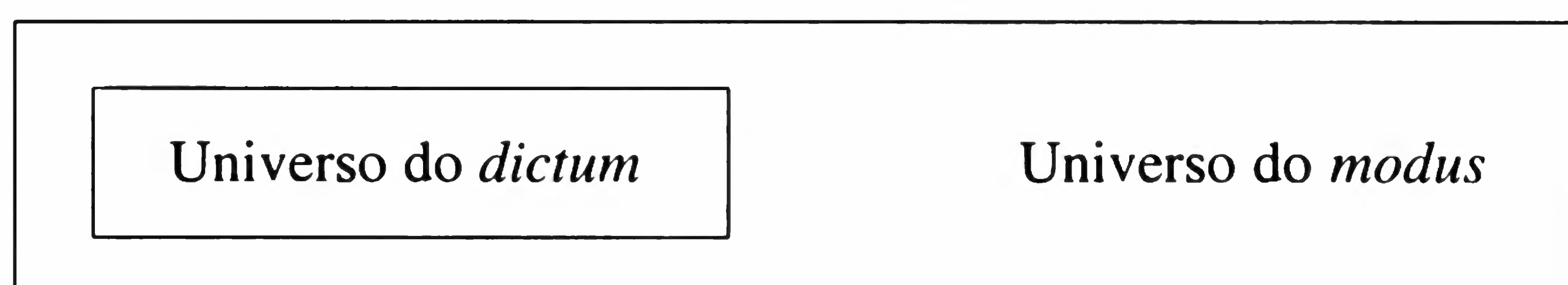
## 2. Dictum e Modus

Como se mencionou na introdução, os morfemas finais *ne* e *yo* situam-se na dimensão designada *modus*. Retomando-se as concepções de *dictum* e *modus*, pretende-se constatar as razões pelas quais esses morfemas são classificados como componentes modalizadores que operam na dimensão do *modus*.

### 2.1. Os Conceitos de Dictum e Modus

De forma geral, entende-se como *dictum* (D) o universo do conteúdo proposicional objetivo/informativo, e o *modus* (M) uma atitude subjetiva de julgamento, interpretação ou volição do locutor em relação a esse universo do conteúdo proposicional, ou ainda, a atitude subjetiva do locutor contida na ordem, proibição etc.

Figura 1: Estruturação dos Enunciados da Língua Japonesa



(NITTA, Yoshio & MASUOKA, Takashi (orgs.). *Nihongo no Modality [Japanese Modality]*. Tokyo, Kuroshio Shuppan, 1989, p. 1.)

Observemos o seguinte exemplo:

Ex.:1. Kare wa            konai    darô.  
/Ele (morfema) não vem acho que/  
                         (D)                                    (M)  
(Acho que ele não vem.)

O sintagma *Kare wa konai* pertence ao *dictum* do enunciado e o componente *darô* ao *modus*, porque a parte do *dictum* constitui o conteúdo proposicional e a do *modus* constitui a atitude subjetiva do locutor.

Vejamos outro exemplo:

Ex.:2. Tabun kare wa            konai    darô.  
/Talvez ele (morfema) não vem acho que/  
                         (M)                                    (D)                                    (M)  
(Acho que talvez ele não venha.)

– *nayo* etc. e dos aspectos relacionados à entonação dos morfemas *ne* e *yo*, nem se aprofundará nas orações interrogativas e imperativas acompanhadas dos morfemas *ne* e *yo*, bem como na análise desses morfemas à luz da sociolinguística. Esses assuntos serão tratados como tema de estudos futuros.



Uma vez que o *modus* representa a atitude subjetiva do locutor, o termo *tabun* (talvez) que exprime o julgamento do locutor faz parte do *modus*. Via de regra, como mostra a figura 1 na página anterior, na estruturação frasal da língua japonesa, o *dictum* ocupa a parte mais central da cadeia sintagmática das frases, encontrando-se envolvido pelos elementos que constituem o *modus*.

### 3. Os Morfemas Finais

#### 3.1. Os Conceitos de Morfemas Finais

Pertencem à categoria dos morfemas finais da língua japonesa moderna, dentre outros, os morfemas *na* (proibição), *na* (emoção), *ka*, *tomo*, *yo*, *ne*, *sa*, *ze* e *zo*<sup>4</sup>.

O *Kokugogaku Dai Jiten* (*Grande Dicionário dos Estudos da Língua Japonesa*, 1980, p. 482) define-os como “morfemas que exprimem semanticamente as atividades emocionais, tais como o questionamento, a ordem e a emoção”. Já, o *Nihon Bunpô Dai Jiten* (*Grande Dicionário da Gramática da Língua Japonesa*, 1971, p. 316) determina-os como “morfemas colocados no final das frases, cuja função é a de concluí-las, exprimindo, por exemplo, os sentidos de emoção, proibição, dúvida, pergunta retórica, desejo e ênfase”

Percebe-se que tanto o primeiro como o segundo dicionário enfatizam que os morfemas finais representam diretamente uma expressão emocional do locutor.

#### 3.2. Breve Histórico das Concepções de Morfemas Finais

Abaixo serão resgatadas algumas das concepções de morfemas finais, consideradas relevantes, apresentadas por alguns gramáticos japoneses.

Yamada (1950, p. 73) afirma: “os morfemas finais estão relacionados ao *chinjutsu* (concatenação final) dos enunciados (*bun*) e das frases (*ku*), possuindo a característica de serem colocados somente no final dos *bun* e *ku* [...] expressando sentidos como desejo e emoção” O autor não chega a classificar os morfemas de acordo com suas várias funções modalizadoras como o fazem Watanabe (1971) e Saji (1991), mas é digno de nota que foi Yamada quem introduziu o termo *shûjoshi* (morfemas finais).

Tokieda (1955, p. 184) chamou os morfemas finais de “*kandô joshi* (morfemas emotivos)” ressaltando que “eles são colocados no final dos enunciados, possuindo *taijin kankei wo kôsei suru kinô* (a função de construir uma relação interpessoal)” O estudioso acrescenta que os morfemas emotivos representam não só a expressão emocional do locutor com relação ao *dictum*, mas também a expressão subjetiva do locutor direcionada ao destinatário, cuja intenção é a de fazer com que este concorde com o seu enunciado. Em resumo, as concepções de Tokieda remetem às noções de ilocução e de perlocução<sup>5</sup>.

4. Akira Matsumura, org., 1971, p. 316.

5. Os termos “ilocução” e “perlocução”, aqui utilizados, se referem às noções introduzidas por Austin. Cf.



Saji (1991, p. 24) analisa os morfemas finais mais detalhadamente, do ponto de vista funcional, subdividindo-os em subcategorias: *kikite meate* (morfemas direcionados ao destinatário, com função perlocutória) e *handan meate* (morfemas direcionados ao conteúdo proposicional, com função ilocutória). Assim, “os morfemas finais mostram a maneira segundo a qual o locutor assume a responsabilidade em relação ao seu julgamento na transmissão de seus enunciados para o destinatário, e como transmitirá o seu sentimento para ele”

Na verdade, como cada gramático subdivide os morfemas finais conforme a sua teoria ao analisá-los, fica difícil estabelecer uma subcategorização definitiva. Pode-se dizer, no entanto, que os morfemas finais subdividem-se em dois grupos: os que exprimem ilocução e os que exprimem perlocução. No próximo item, trataremos, então, dessa subcategorização dos morfemas finais.

### 3. 3. A Subcategorização dos Morfemas Finais

Aqui, adotar-se-á a subcategorização dos morfemas finais de Watanabe (1971, p. 147), subdivididos em três classes, como mostra a figura 2. As classes I, II e III representam, respectivamente, a relação de julgamento do locutor com o conteúdo narrado (modalidade assertiva), a chamada de atenção do destinatário para o referente enfocado (modalidade apelativa) e o pedido de uma resposta accional do destinatário (modalidade perlocucional), sendo que a língua japonesa obedece à seguinte ordem de surgimento desses morfemas na cadeia sintagmática: I → II → III.

Figura 2: Subcategorização dos Morfemas Finais segundo Watanabe (1971)\*

Tipo	Classe I	Classe II	Classe III
A	<i>ka</i> <i>sa</i>		
B	<i>wa, zo, (ze), na</i> (proibição)	<i>yo (i)</i>	<i>ne (na)</i>

\* O esquema original é vertical.

A: morfemas finais que se ligam a *taigen* (nomes) e *yôgen* (vocábulos flexíveis).

B: morfemas finais que se ligam somente a *yôgen*.

(WATANABE, Minoru. *Kokugo Kôbunron* [Teoria Sintática da Língua Japonesa]. Tokyo, Hanawa Shobô, 1971, p. 147.)

Levando-se em conta as concepções de *modus* e de morfemas finais vistas nos itens anteriores, percebe-se que a classe I corresponde à ilocução e as classes II e III à

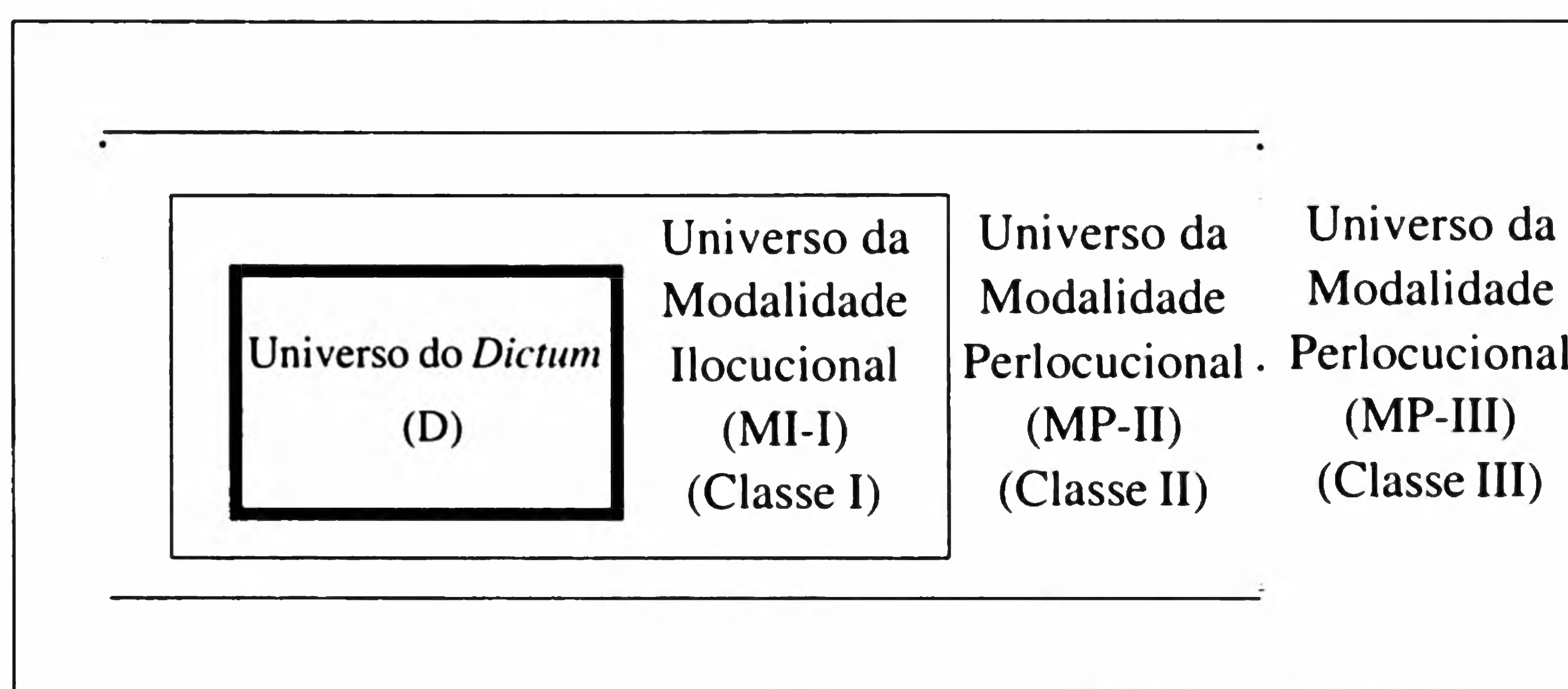
John Langshaw Austin, 1976, pp. 94-120. A ilocução (*jutte* no *modus*, isto é, modalidade assertiva) constitui uma relação entre o locutor e o conteúdo referencial, e a perlocução (*dentatsu* no *modus*, isto é, modalidade comunicativa), por sua vez, uma relação entre o locutor e o destinatário. Cf. Yasushi Haga, 1978, pp. 36-37. Cf. Lídia Masumi Fukasawa, 1991 (tese de doutorado).



perlocução. Nota-se que Watanabe subdivide ainda mais a camada perlocucional em subcategorias como as classes II e III, as quais têm, respectivamente, a função de chamar a atenção do destinatário e de pedir uma reação accional do destinatário. Saji (1991), por sua vez, não chega a subdividir a perlocução como fez Watanabe.

Para Watanabe, a substância material das frases da língua japonesa encontra-se no universo do *dictum*, sendo este envolvido, primeiramente, por morfemas modalizadores da classe I (MI-I), seguidos da II (MP-II), e por último por morfemas da classe III (MP-III) (Cf. figura 3).

Figura 3: Estruturação do Enunciado da Língua Japonesa: Ordem de Surgimento dos Morfemas Finais na Cadeia Sintagmática



Exemplo:

Ex.: 3. *Kare wa konai rashii yo ne.*  
 /Ele (morfema) não vem parece (afirmação) não é?  
 (D) (MI-I) (MP-II) (MP-III)  
 (Parece que ele não vem, não é?)

Segundo a teoria de Watanabe, não é possível trocar a ordem de surgimento dos elementos MI-I, MP-II e MP-III. Mesmo trocando a ordem apenas das partes MP-II e MP-III, a frase tornar-se-á incorreta e agramatical (Cf. exemplo 4).

Ex.: 4. \*<sup>6</sup>*Kare wa konai rashii ne yo.*  
 (MP-III) (MP-II)

Isso indica que, ao se comparar a função do morfema *ne* com o *yo*, o morfema *yo* da classe II representa mais a asserção do locutor, não deixando a opção de concordância do destinatário, enquanto o morfema *ne* da classe III pede concordância/reação do destinatário. Em outras palavras, *yo* é mais unilateral e autoritário (locutor → destinatário) e *ne* é mais harmonioso/menos autoritário (locutor ↔ destinatário), porque pede a adesão do destinatário. Assim sendo, os morfemas finais da classe III apresentam caráter interativo mais intenso que os da classe II.

6. O \* significa que a frase é agramatical.



Tendo como base as reflexões feitas acima, pode-se afirmar que os morfemas finais têm como característica exprimir a subjetividade do locutor, sendo, como tal, elementos constitutivos do *modus*.

### 3. 4. *As Relações entre o Modus e os Morfemas Finais*

Nos itens anteriores, viu-se que os morfemas finais da língua japonesa situam-se na camada do *modus*, a qual exprime a atitude subjetiva do locutor com relação ao *dictum* (conteúdo proposicional), tais como julgamento, suposição, volição, emoção e ordem. Observou-se também que, dentro da camada do *modus*, ainda há mais duas subcategorias: o universo da ilocução e o universo da perlocução. É evidente, no entanto, que, para os objetivos do presente estudo, interessa mais a dimensão da perlocução, já que os morfemas finais têm como função primordial estabelecer as relações entre o locutor e o destinatário. Pode-se lembrar, então, que Tokieda (1955) afirmou que os morfemas finais possuem a função de compor uma relação interpessoal.

## 4. *Kyûjôhō e Shinjôhō (Informações Dadas<sup>7</sup> e Novas)*

Ao comunicar-se com alguém, o locutor tenta, de um lado, introduzir a seu destinatário um assunto novo, assumindo que essa informação será nova ao destinatário, ou, de outro, transmitir um assunto compartilhado pelo destinatário, considerando que esta informação já é de seu conhecimento. Em resumo, os interlocutores trocam informações durante a conversação.

### 4.1. *Os Conceitos de Kyûjôhō e Shinjôhō (Informações Dadas e Novas) – Visão Histórica*

De maneira geral, entende-se por *kyûjôhō* a informação que o locutor julga que o destinatário já possui como dado de seu conhecimento, e *shinjôhō* a informação que o locutor considera que ainda não exista no conhecimento do destinatário.

Vejamos essas duas noções segundo os diversos pontos de vista de alguns lingüistas/estudiosos.

Weil (1844) afirma: “num enunciado, há duas partes: uma contém os conhecimentos dos interlocutores, ou seja, o ponto inicial da conversação, e a outra, o discurso composto pelas enunciações que o locutor quer transmitir. A ordem sintática relaciona-se com o fenômeno do mundo, ao passo que a ordem das idéias no momento da enunciação relaciona-se com a mente do ser humano”<sup>8</sup>.

7. Quanto ao termo *kyûjôhō*, existem duas traduções em português: informações dadas (*given information*) e informações velhas (*old information*). Neste estudo, adota-se, em princípio, o termo “informações dadas”, mas também, utiliza-se do termo “informações velhas” dependendo da tradução dos livros consultados.

8. *Apud* Senko K. Maynard, 1997, pp. 16-17.



A parte que “contém os conhecimentos dos interlocutores” constitui o *kyûjôh* e a outra parte, das “enunciações que o locutor quer transmitir” constitui o *shinjôh*. Este conceito de Weil influenciou Vilém Mathesius, da Escola Funcionalista de Praga, que desenvolveu, posteriormente, o conceito de tema e rema. Seguindo sua linha, alguns lingüistas da mesma escola, tais como Firbas e Daneš, introduziram a função da FSP – *functional sentence perspective* (perspectiva da frase funcional) a fim de explicar o sistema da comunicação. Na FSP, “não se considera a frase como algo abstrato, mas como enunciação, podendo-se separá-la em dois elementos: tema (o ponto inicial da informação) e rema (o centro da informação), sendo que ambos desenvolvem-se em linha reta, do tema para o rema, conforme a função da FSP”<sup>9</sup>.

Tanto Weil como os lingüistas da Escola Funcionalista de Praga referem-se ao ponto inicial da conversação/informação, isto é, fala-se com base no conhecimento comum entre os interlocutores ou no que o locutor considera existir na mente do destinatário. Nota-se que o tema está relacionado com a informação dada e o rema com a informação nova.

Halliday (1970, p. 155) também é um dos lingüistas que acatou os conceitos de tema e rema da Escola Funcionalista de Praga. Assim define o tema: “o tema é outro componente da complexa noção do sujeito, a saber, ‘sujeito psicológico’; é como se ele fosse o cabide ao qual se pendura a mensagem, sendo o tema o corpo da mensagem”<sup>10</sup>.

Quanto à informação nova, Halliday (1985, p. 38) afirma: “a informação nova é aquilo que o locutor apresenta para o destinatário prestar atenção pensando: ‘isto é novidade’. Essa novidade deve ser previamente desconhecida, contrária à expectativa do destinatário ou escolhida para criar um interesse especial nele. O locutor enuncia essa parte nova por meio da utilização do acento tonal”

É notável que ele se refira à utilização do acento tonal do locutor. Percebe-se que a estrutura informacional está relacionada também com a da entonação.

Chafe (1970, pp. 218-219) explica o conceito das informações novas e velhas da seguinte forma: quanto à informação nova, “o falante considera ser nova alguma parte da informação que ele está comunicando; é informação que ele está introduzindo na mente do ouvinte pela primeira vez” e a informação velha, por sua vez, é a “informação que o falante e o ouvinte já possuem em comum no momento em que a oração é enunciada. [...] A informação velha pode ser compartilhada pelo ambiente comum no qual tanto o falante como o ouvinte estão interagindo”

Ele também se refere ao acento e ao tom, ressaltando que o acento ou o tom mais alto recai sobre a oração, cuja parte é da informação nova.

Agora, ver-se-á dois exemplos dados por Chafe (1970, pp. 219-221).

Ex.: 5. *The box is empty.* (A caixa está vazia.)

(I-V) (I-N) (I-V) (I-N)

Ex.: 6. \**A box is empty.* (\*Uma caixa está vazia.)

9. Senko K. Maynard, 1997, p. 17.

10. Para Halliday (1967), o conceito de informação dada é diferente do de tema, sendo o primeiro tratado pelo falante como informação recuperável.



No exemplo 5, pode-se imaginar que os interlocutores estavam procurando uma caixa e queriam saber sobre o estado da caixa. O exemplo 5 poderia ser enunciado quando o locutor encontrou essa caixa. Tanto o locutor como o destinatário já possuíam em suas mentes o conceito da caixa como informação velha (I-V) e quando o locutor a achou, deu ao destinatário a informação nova (I-N) de que estava vazia.

Vejamos, agora, somente o termo *the box* (a caixa) do exemplo 5. O uso do artigo definido, ou seja, a informação velha, mostra que o conceito já é familiar para o destinatário. Se o locutor enunciar o exemplo 6, o destinatário não entenderá a que ele está se referindo, razão pela qual o exemplo 6 é, nesse caso, agramatical. Chafe (1970, p. 222) afirma: “a falta de familiaridade com o conceito genérico implicaria uma lacuna patológica na competência lingüística do ouvinte”

Takubo (1989, p. 212), estudioso da teoria do *mental spaces* (espaços mentais), refere-se às informações dadas e novas na administração do discurso da seguinte forma: “é preciso que o locutor suponha previamente os conhecimentos do destinatário para, com ele, trocar as informações. Se o locutor enunciar algo, supondo que ele não exista no conhecimento do destinatário, isso será transmitido como informação nova para ele e se o locutor enunciar algo, supondo que ele já exista na mente do destinatário, ele será transmitido como uma pressuposição”

É interessante a sua visão de diálogo/discurso como troca de informações, pois é verdade que, ao se dirigir a alguém, o locutor tem, entre outros propósitos, o de transmitir algo ao destinatário, saber algo dele ou mandar-lhe fazer algo.

## 5. *Análise dos Morfemas Finais Ne e Yo*

### 5.1. *Análise Preliminar*

Antes da análise dos morfemas finais *ne* e *yo* do ponto de vista das funções das informações dadas e novas, vejamos a parte inicial do romance *Yukiguni (O País das Neves)* de Kawabata (1980, p. 6) (Texto 1-A), trocando o *ne* pelo *yo* e vice-versa (Texto 1-B) a fim de elucidar as diferenças de funções que os morfemas *ne* e *yo* desempenham.

(Texto 1-A)

Y: *Ekichô-san, watashi desu. Gokigen yoroshû gozai masu.*

C: *Aa, Yôko-san ja nai ka. Okaeri kai. Mata samuku natta yo.*

Y: *Otôto ga kondo kochira ni tsutome sasete itadaite orimasu no desutte ne. [...]*

C: *[...] Genkide hataraitte iru yo. [...] Kyonen wa ôyuki datta yo.*

Y: “Senhor chefe! Sou eu. Como o senhor tem passado?”

C: “Ah, puxa, não é mesmo a Yôko?! Está de volta? Começou a esfriar de novo, viu?”

Y: “Disseram-me que o meu irmão está tendo a oportunidade de trabalhar aqui, não é mesmo? [...]”



C: “[...] Está trabalhando bem. [...] No ano passado houve uma nevasca aqui, sabe?”

Y: Yôko (a mulher)

C: chefe de estação

Yôko tinha recebido uma carta do seu irmão mais novo. Por isso, sabe que ele está trabalhando na estação com o chefe.

Pelo desenrolar do romance, deve-se imaginar que fazia algum tempo que Yôko não voltava para a sua terra (por exemplo, o chefe de estação está contando-lhe que *no ano passado* nevou muito na terra deles.)

Agora, trocar-se-á o *ne* pelo *yo* e vice-versa.

(Texto 1-B)

Y: *Ekichô-san, watashi desu. Gokigen yoroshû gozai masu.*

C: *Aa, Yôko-san ja nai ka. Okaeri kai. \*Mata samuku natta ne (1).*

Y: *\*Otôto ga kondo kochira ni tsutome sasete itadaite orimasu no desutte yo (2). [...]*

C: [...]\**Genkide hataraitte iru ne (3). [...]* \**Kyonen wa ôyuki datta ne (4). [...]*

Trocando os morfemas *ne* e *yo*, o diálogo entre Yôko e o chefe ficará totalmente incoerente como mostra o texto 1-B. Por exemplo, Yôko não deve saber sobre o clima de onde estão o seu irmão mais novo e o chefe, se o seu irmão está bem ou não e se nevou muito ou pouco no ano passado, já que estava fora do lugar onde os dois estão conversando.

Segundo Cook (1988), “o morfema *ne* é o indicador direto de mútuo acordo da atitude geral do locutor e do destinatário, mas não é necessário concordar particularmente com o conteúdo do enunciado. [...] O *yo* tem como função expressar a atitude assertiva, vários atos de enunciação – aviso, conselho, instrução, anúncio, explicação, relato, pedido/ordem, insistência e contradição”<sup>11</sup>

Os enunciados (1), (3) e (4) do texto 1-B nos dão a impressão de que o chefe está incitando Yôko a concordar com o que ele fala, como Cook explica acima. Se Yôko estivesse convivendo com ele na mesma cidade, o texto 1-B seria natural, mostrando-nos que eles estão conversando sobre o tempo, o irmão dela etc., todos assuntos em comum, do cotidiano compartilhado pelos dois. Essa impressão fornecida pelo texto 1-B difere totalmente do texto 1-A.

O uso do morfema final *yo* do enunciado (2) sugere que o assunto não está diretamente relacionado a ela, e também que o irmão não pertence à sua família. Essa incoerência surge em função da diferença funcional das duas partes: *desutte* (citação) e *yo* (atitude assertiva), ou seja, quando se tem certeza de algo, não se utilizam frases de citação. Por exemplo, se se omitir *desutte*, essa frase de Yôko ficará natural. Nesse caso, a frase (*Otôto ga kondo kochira ni tsutome sasete itadaite orimasu no yo*) dá

11. *Apud* Senko K. Maynard, 1993, p. 188.



impressão de que o chefe não tinha conhecimento de que o irmão dela estava trabalhando com ele, sendo ela quem domina a informação sobre seu irmão.

Assim sendo, só de trocar o morfema final *ne* por *yo*, muda-se completamente a situação do contexto (nesse caso, a situação de Yôko e do chefe), como se viu nos textos 1-A e 1-B.

Agora, enfoquemos somente uma frase extraída do mesmo romance, para continuar a análise de *ne* e *yo*.

Ex.: 7. *Ii geisha desu ne.* (É uma boa *geisha*, não é?)

Se o locutor usar o enunciado 7, parecerá que a *geisha* está diante dos interlocutores ou que eles estão vendo uma foto da *geisha*. Em outras palavras, a *geisha* é a informação em comum ou preexistente entre eles. Mas se o locutor usar o enunciado 8, não se pode considerar essas possibilidades.

Ex.: 8. *Ii geisha desu yo.* ([Acho que] É boa *geisha*.)

Desta vez, parece que somente o locutor possui a informação do conteúdo proposicional e ele está transmitindo-a para o destinatário como informação nova. Aprofundar-se-á, então, no próximo item, reflexões sobre a escolha dos morfemas finais *ne* e *yo*, valendo-nos de alguns conceitos que Kamio (1990) e Maynard (1993) introduziram em seus trabalhos.

## 5.2. Análise dos Morfemas Finais Ne e Yo, à Luz da Informação Proximal e Distal

Kamio (1990, p. 4) apresenta a teoria dos territórios de domínio da informação (*jôhō no nawabari riron*), segundo a qual, “a informação que indica o território de domínio é aquela que o locutor ou o destinatário considera, cada qual, como sendo pertencente a ele, ou seja, como sua própria informação”

Voltando ao texto 1-A, analisemos as falas do chefe. Deve-se notar que o *yo* está sendo colocado ao final de cada frase (o *ne* não apareceu nenhuma vez) e que o chefe está transmitindo a Yôko as informações que a ele pertencem. Mas por que é que elas não pertencem à Yôko nesse caso? É porque fazia muito tempo que ela não estava na região, a qual é o tópico da conversa dos interlocutores e, portanto, o chefe é o possuidor dessas informações.

Kamio (1990, p. 21) afirma: “estabelece-se uma distância psicológica (*shinriteki kyori*) de primeira instância entre as informações contidas no discurso e o locutor/destinatário e essa distância será mensurada por duas escalas: proximal e distal”

Conforme essa teoria de Kamio, pode-se dizer que as informações que o chefe possui são proximais para ele (o locutor) e são distais para Yôko (o destinatário).

Agora, analisar-se-á a frase em que Yôko utilizou o morfema *ne* (*Otôto ga...*) do mesmo texto. Deve-se recordar que a informação da sua frase é indireta para ela, pois ainda não viu, na realidade, que o seu irmão está trabalhando na estação (ela acabou de retornar para sua terra) e ficou sabendo sobre essa informação somente pela carta dele.



A informação do fato de que o irmão dela está trabalhando é, então, mais proximal para o chefe (destinatário) do que para Yôko (locutor), isto é, o locutor usa o *ne* quando considera que a informação é mais proximal do destinatário (Cf. figura 4).

Figura 4: Distâncias Psicológica de Acordo com o Uso de *Ne* e *Yo*

	Informações p/ o Locutor	Informações p/ o Destinatário
Uso do <i>Ne</i> pelo Locutor	Distal	Proximal
Uso do <i>Yo</i> pelo Locutor	Proximal	Distal

### 5.3. Os Morfemas Finais *Ne* e *Yo* segundo o Critério da Informação Relativa da Accessibility (*Acessibilidade*)/Possessorship (*Propriedade*)

Agora, ver-se-á o conceito apresentado por Maynard (1993) semelhante ao de Kamio (1990), mas diferente quanto à maneira de abordagem. Kamio tenta explicar o uso do morfema *ne* pela distância psicológica que existe entre a informação contida no discurso e os interlocutores, enquanto Maynard analisa os morfemas *ne* e *yo* com base na qualidade e quantidade informacional, introduzindo os dois termos: *accessibility* (acessibilidade) e *possessorship* (propriedade) (Cf. figura 5).

Aplicando esse conceito a este trabalho, analisar-se-á novamente o texto 1-A. Viu-se que o chefe usou o morfema *yo* no final de cada frase, ou seja, conforme o conceito de Maynard (1993, p. 193), “a informação baseada na proposição [X] deve ser exclusivamente acessível e/ou possuída pelo locutor, isto é, [Loc.-E]” Por outro lado, Yôko não usou o morfema *yo* na sua frase. Nesse caso, “a informação deve ser parcialmente acessível e/ou compartilhada por ambos, o locutor e o destinatário” mas, até certo ponto, a acessibilidade e/ou propriedade da informação pelo destinatário deve ser maior, isto é, [Dest.-Ma]. Nota-se que o conceito de *accessibility* de Maynard é semelhante ao de proximal/distal de Kamio.

Figura 5: Escolha de *Yo* e *Ne* baseada na Informação Relativa *Accessibility* e/ou *Possessorship*\*

Situação:	Informação Relativa <i>Accessibility/Possessorship</i>		Escolha do Morfema pelo Locutor
	Locutor	Destinatário	
Loc.-E	Exclusivo	Nenhum	X <i>yo</i>
Dest.-E	Nenhum	Exclusivo	X <i>ne</i>
Loc.-Ma	Parcial-Mais	Não/Parcial-Menos	X <i>yo</i> / X <i>ne</i>
Dest.-Ma	Não/Parcial-Menos	Parcial-Mais	X <i>ne</i>
Loc./Dest.-Me	Mesmo	Mesmo	X <i>ne</i>



Loc.-E → Locutor-Exclusivo, Dest.-E → Destinatário Exclusivo, Loc.-Ma → Locutor-Mais, Dest.-Ma → Destinatário-Mais, Loc./Dest.-Me → Locutor/Destinatário-Mesmo, e X → Proposição

\* O esquema original está em inglês.

(Senko K. Maynard. *Discourse Modality: Subjectivity, Emotion and Voice in the Japanese Language*. Amsterdam, John Benjamins, 1993 [Pragmatics & Beyond, New Series, 24], p. 194.)

É verdade que, no texto 1-A, Yôko não tinha acesso à informação dada pelo chefe, por estar ausente por algum tempo de sua terra. Em outras palavras, o direito à acessibilidade e à propriedade com relação ao conteúdo objetivo passa no diálogo do locutor para o destinatário e vice-versa, conforme o assunto tratado pelos interlocutores. Por exemplo, se Yôko começar a comentar sobre o lugar onde ela morava temporariamente, pode-se imaginar que aumentará a frequência do uso do morfema *yo* nas suas frases.

#### 5.4. *Análise dos Morfemas Finais Ne e Yo, do Ponto de Vista das Funções das Informações Dadas e Novas*

Por fim, utilizando o mesmo texto de Kawabata, analisaremos os morfemas finais *ne* e *yo*, segundo as funções das informações dadas e novas, com o objetivo de comparar a função apresentada aqui com as que se viu nos itens 5.2 e 5.3.

Na verdade, as funções estudadas nesses itens estão bastante relacionadas e semelhantes às das informações dadas e novas. Portanto, é importante analisar essas funções quando se consideram as relações entre o fluxo da informação, sua qualidade e quantidade.

Mais uma vez, é preciso retomar aqui os conceitos de informações novas e dadas (velhas) propostos por Chafe (1970) (Cf. item 4.2). A informação nova diz respeito ao que o locutor considera novo na informação passada ao destinatário, e a informação dada constitui aquela que os interlocutores já possuem em comum no momento da enunciação do locutor.

Comparando-se as funções de informações dadas e novas com as propostas por Kamio e Maynard, pode-se considerar o seguinte esquema (Cf. figura 6, na página seguinte).

Analisemos, então, as quatro frases seguintes, extraídas do texto 1-A.

C: [...] *Mata samuku natta yo.*

Y: *Otôto ga kondo kochira ni tsutome sasete itadaite orimasu no desutte ne.*

C: [...] *Genkide hataraitte iru yo. [...] Kyonen wa ôyuki datta yo.*

Já mencionamos que os três enunciados do chefe contêm informações mais proximais e acessíveis a ele, pois os assuntos enfocados lhe pertencem, adquiridos por meio de sua própria experiência. Assim sendo, essas informações são velhas para o chefe (locutor), mas poderão ser novas para Yôko (destinatário) (Cf. figura 6 – grupo [A]).



Figura 6: Escolha de *Ne* e *Yo* Baseada na *Information Status*

Quantidade da Informação do Discurso	Informação p/ o Locutor	Informação p/ o Destinatário	Escolha do Locutor entre o Morfema <i>Ne</i> ou <i>Yo</i>
A [Só Locutor]	Informação dada Proximal Acessível	Informação nova Distal Não Acessível	<i>Yo</i>
B [Só Destinatário]	Informação nova Distal Não Acessível	Informação dada Proximal Acessível	<i>Ne</i>
C [Ambos]	Informação dada Proximal Acessível	Informação dada Proximal Acessível	<i>Ne</i>
D [Locutor/Mais]	Informação dada Proximal Acessível	Informação nova (Dada) Distal (Proximal) Não Acessível (Acessível)	<i>Yo (Ne)</i>
E [Destinatário/Mais]	Informação dada Distal Não Acessível	Informação dada Proximal Acessível	<i>Ne</i>

[Só Locutor] → somente o locutor tem a informação do discurso, [Ambos] → ambos têm a informação do discurso, [Locutor/Mais] → o locutor tem mais informação sobre o discurso.

Enfoquemos, agora, somente a última frase do chefe. Se se supusesse que no ano passado, nessa região, nevou a ponto de se tornar uma notícia grande, haveria possibilidade de Yôko também saber dessa nevasca. Se o locutor (chefe) considerasse que o destinatário já possuía essa informação no momento da sua enunciação, a situação da informação do discurso seria [D].

Em resumo, dependendo da quantidade de informação contida no discurso do destinatário, essa informação será dada (velha) ou nova para ele. Por exemplo, mesmo que o locutor considere que o destinatário já compartilha do conhecimento da mesma informação, às vezes, há casos em que o destinatário ainda não a possui. Nesse caso, a informação será nova para o destinatário.

A frase de Yôko inclui-se na categoria [E], porque tanto o locutor como o destinatário possuem a informação em comum. Entretanto quanto à quantidade dessa informação, o destinatário está em vantagem por ser ele quem está trabalhando com o irmão de Yôko. A escolha do morfema pelo locutor, então, recai sobre o *ne*.

Vejamos os outros casos: [B] e [C] da figura 6. Para considerar o grupo [B], apresentaremos uma outra seqüência do mesmo romance de Kawabata (1980, p. 48) (Cf. texto 2-A).

(Texto 2-A)

S: *Anma-san, monde moraenai ka ne* (1).

A: [...] *Ima nanji desu kashira.*

[...]

A: *Ni ji sanjûgo fun sugi de gozaimasu ne* (2). [...]

S: *Yoku tokei \* no jikan ga wakaru ne* (3).

A: *Hai, garasu ga totte gozaimasu kara.*

S: *Sawaru to ji ga wakaru ka ne* (4).



A: *Ji wa wakarimasen keredomo.*

S: “Senhora massagista! Será que não daria para me massagear, não?”

A: “[...] Que horas seriam agora?”

[...]

A: “São duas horas e trinta e cinco minutos, não? [...]”

S: “Incrível como você sabe as horas, não?”

A: “Sim, é porque retirei a tampa de vidro.”

S: “Tocando, dá para se saber os números, é?”

A: “Os números não sei, mas...”

S: Shimamura (o homem)    A: Anma-san (a massagista)

\* A massagista tem um relógio de bolso.

Há quatro morfemas *ne* no texto acima. Dentre eles, somente o (1) e o (4) correspondem ao grupo [B], pois a informação do discurso é mais proximal e acessível para o destinatário, ou seja, somente ele pode dar a resposta, na qual conste uma informação nova para o locutor. Pode-se considerar, então, que as orações interrogativas pertencem ao grupo [B]. Às vezes, no entanto, o locutor pode perguntar sobre coisas que já sabe só para confirmar, usando o morfema *ne*. Nesse caso, o *ne* pertence ao grupo [E]. Em resumo, as orações interrogativas acompanhadas do morfema *ne* podem entrar no grupo [B] ou [E], dependendo da quantidade da informação contida na proposição do locutor.

Agora, trocar-se-á os *ne* de (1) e (4) pelo *yo*.

S: \**Anma-san, monde moraenai ka yo* (1).

S: \**Sawaru to ji ga wakaruru ka yo* (4).

Como perguntas, essas frases são agramaticais, o que significa que o morfema *yo* não deverá surgir em orações interrogativas.

Consideremos, agora, o grupo [C] da figura 6, usando o exemplo 7 que se viu no item 5.1.

Ex.: 7. *Ii geisha desu ne.* (É uma boa *geisha*, não é?)

Mencionamos a possibilidade de que a *geisha* esteja diante dos interlocutores ou que estes estejam vendo uma foto ou revista onde aparece a *geisha*. Nesse caso, o exemplo 7 corresponde ao grupo [C], pois tanto o locutor como o destinatário possuem a informação compartilhada, como uma informação dada, a qual será proximal e acessível para ambos.

Analisamos acima cada grupo da figura 6, inclusive as orações assertivas e interrogativas. Considerar-se-ão, agora, as orações imperativas, extraído duas frases do romance *O País das Neves* de Kawabata.

Ex.: 9. *Hayaku kaere* | *yo.* | (Volte logo, tá?)  
      |\**ne.* |



Ex.: 10. *Asu kaerinasai* | *ne*. | (Volte amanhã, viu?)  
| *yo*. |

Há dois tipos de imperativo na língua japonesa como mostram os exemplos 9 e 10. O exemplo 9 contém o estilo informal e o 10, o mais formal. É difícil analisar as orações imperativas acompanhadas dos morfemas finais *ne* e *yo*, do ponto de vista das informações dadas e novas, porque essas orações mostram nitidamente a subjetividade do locutor, cuja estrutura informacional é menos importante do que a emoção do sujeito no contexto. Pode-se entender, então, que a natureza da oração imperativa é bem diferente da oração assertiva.

No caso do exemplo 9, a oração entraria no grupo [A], porque a autoria da oração assertiva é do próprio locutor e a informação é mais proximal e acessível a ele. Além disso, o termo *hayaku* utilizado pelo locutor poderia ser a informação nova para o destinatário. Por exemplo, pode-se imaginar que os interlocutores estão discutindo quando é que o destinatário vai embora. O exemplo 9 pode ser, então, enunciado nesse momento. Mas, isso não explica o motivo pelo qual não é possível usar o morfema final *ne* nesse exemplo. Para se abordar essa questão, deve-se ver a função de cada morfema final. No item 3.3, viu-se que o morfema *yo* constitui o universo da perlocução – classe II, e o *ne* constitui o universo da perlocução – classe III (Cf. figuras 2 e 3). Os da classe II representam mais a asserção do locutor, não deixando a opção de concordância por parte do destinatário, enquanto os da classe III pedem maior concordância/reação do destinatário. Em outras palavras, o morfema final *yo* tem caráter de exclusividade, isto é, o locutor está dando uma ordem exclusiva para o(s) destinatário(s), enquanto o *ne* valoriza a interação entre os interlocutores. Vale lembrar que foi Cook quem introduziu o termo “mútuo acordo”, com relação ao morfema final *ne*. É por essa razão que não é possível usar o morfema *ne* no exemplo 9.

O exemplo 10, por sua vez, entraria no grupo [D], porque o morfema *ne* exprime a expectativa do mútuo acordo, direcionada, pelo locutor, para o destinatário, cuja informação contida no discurso será também acessível e proximal para o destinatário. Mesmo que o locutor use o morfema *yo* no exemplo 10, a oração não ficará agramatical, pois, como o morfema *yo* expressa a atitude assertiva do locutor, a natureza do *yo* corresponde à da oração imperativa. Por isso, é possível colocar o morfema final *yo* ao final das orações imperativas tanto do exemplo 9 (no estilo informal) quanto do 10 (no estilo formal).

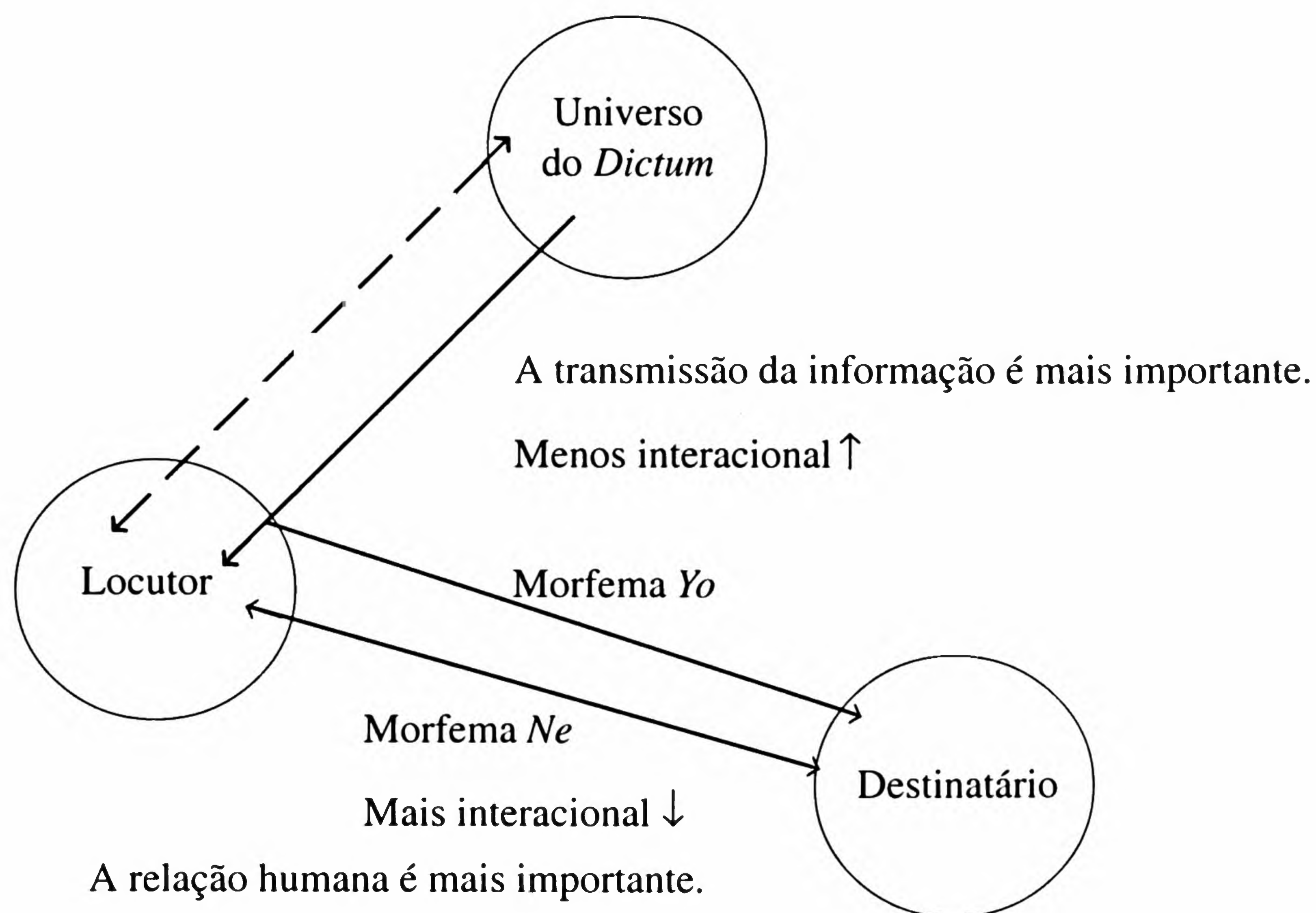
## Conclusões

Com a finalidade de elucidar as relações entre o *modus*, os morfemas finais *ne/yo* e as informações dadas/novas, procedeu-se, inicialmente, à realização de algumas reflexões acerca das três concepções consideradas imprescindíveis para o desenvolvimento do presente estudo. Para analisar o uso de *ne* e *yo* do locutor, foram utilizados três textos, extraídos da obra de Kawabata *O País das Neves*. Verificou-se que a escolha desses morfemas pelo locutor depende do contexto e da relação entre os interlocutores.



Como se viu no item 3.3, a localização do morfema *yo*, na cadeia sintagmática, encontra-se mais perto do ponto central do enunciado, isto é, do universo do *dictum*, enquanto o *ne* encontra-se inserido no ponto mais externo do enunciado. Em outras palavras, quando o locutor usar o morfema *yo*, ele transmitirá para o destinatário uma informação do universo do *dictum*, com caráter modal mais assertivo do que quando utiliza o *ne*, o que vale dizer que o locutor emprega *yo*, sobretudo, quando quer que o destinatário preste atenção às orações enunciadas por ele. Por isso, é natural que as orações acompanhadas desse morfema introduzam, na maior parte das vezes, informações novas, as quais constituem o foco dos enunciados. Por outro lado, quando o locutor usar o morfema *ne*, a relação entre ele e o destinatário, isto é, a interação será mais importante que a informação contida no universo do *dictum*, já que o locutor o utiliza com a expectativa de que o destinatário concorde com a oração enunciada por ele ou de que possa demonstrar a intenção de atenuar a enunciação. Nota-se, então, que, se o locutor usar o morfema *ne*, o foco do discurso se desloca, pois o morfema *yo* transmite uma modalização mais unilateral (locutor → destinatário) e o *ne*, uma modalidade de reciprocidade (locutor ↔ destinatário) (Cf. item 3.3 e figura 7).

Figura 7: Relações entre o Universo do *Dictum*, o Locutor e o Destinatário na Utilização de *Ne* e *Yo*



Conforme a nossa análise, pode-se dizer que, de um modo geral, o morfema *ne* é o marcador de informações dadas e o *yo* é o marcador de informações novas (Cf. “Informação para o Destinatário” na figura 6). Vale registrar que Kamio (1990) designou as informações dadas de *Already Learned Information* (Informação Adquirida Anteriormente).



Levando em consideração essas premissas, pode-se afirmar que a qualidade informacional da oração acompanhada do morfema final *yo* é maior que aquela que contém *ne*, pois aquela oração apresenta as informações novas para o destinatário. Deve-se recordar que Chafe (1970) mencionou que, na oração, o acento ou o tom mais alto recai sobre a parte da informação nova. Ao contrário, a quantidade informacional da oração acompanhada de *ne* é maior que a que *yo* indica, já que *yo* introduz as informações dadas (velhas) para o destinatário, em que tanto o locutor como o destinatário já possuem o conhecimento em comum (Cf. figura 8).

Figura 8: Qualidade e Quantidade da Informação do Discurso segundo o Uso dos Morfemas *Ne* e *Yo*

	Qualidade da Informação do Discurso	Quantidade da Informação do Discurso
Oração com o Morfema <i>Ne</i>	-	+
Oração com o Morfema <i>Yo</i>	+	-

No item 5, mencionou-se que a escolha dos morfemas *ne* e *yo* pelo locutor depende não apenas da estrutura informacional do discurso, mas também da relação humana e da hierarquia social dos interlocutores. Em princípio, o locutor escolhe o morfema *ne* ou *yo* considerando o grau de conhecimento do destinatário, mas deve-se notar que a relação humana/interação conta mais que a quantidade de informação. Por exemplo, se o destinatário pertence a uma hierarquia superior ao locutor, este escolheria o morfema *ne*, mesmo introduzindo informações novas no discurso (viu-se que o morfema *ne* introduz informações dadas). Em outras palavras, no nosso discurso, a interação humana ou social é crucial, podendo-se observar o grau da relação humana entre os interlocutores por meio do uso dos morfemas *ne* e *yo*. Pode-se, então, dizer que essa interação funciona, no nosso discurso, como mediador da escolha dos morfemas *ne* e *yo* (Cf. figura 9, na página seguinte).

Ao escolher o morfema *ne* ou *yo*, além da estrutura informacional e da interação humana, o locutor estará exprimindo a sua subjetividade e a sua emoção, razão pela qual se valerá desses morfemas como estratégia de construção de sua enunciação, adequando-a a cada contexto situacional.

Viu-se, por exemplo, no exemplo 8 (*li geisha desu yo*), que por meio do uso de *yo* o locutor introduz uma informação nova para o destinatário, mas, ao mesmo tempo, mostra a autoridade que possui sobre a informação no discurso. É por essa razão que ele utilizará o morfema *yo*, formando seu próprio território no discurso. Por outro lado, pelo uso do *ne*, o locutor não invadirá o território do destinatário, mostrando a sua empatia com relação ao *dictum*, ou ainda, aos enunciados do interlocutor, bem como o



mútuo acordo com o destinatário. Além desses recursos, Miller (1991, p. 121) aponta que o locutor pode usar o morfema *ne* como “solicitação enfática” e “apelação adicional”, pedindo o *aizuchi* (os fáticos retroalimentadores) do destinatário.

Figura 9: Escolha de *Ne* e *Yo* do Locutor na Interação Social



Por fim, pode-se afirmar que os interlocutores empregam os morfemas *ne* e *yo*, não apenas em função de fatores lingüísticos do âmbito do conteúdo proposicional, tais como as funções das informações dadas/novas e a qualidade/quantidade das orações acompanhadas desses morfemas, como também de fatores sócio-culturais como a interação social, a “polidez pragmática”<sup>12</sup> e a subjetividade do locutor (Cf. figura 10).

Figura 10: Análise de *Yo* e *Ne* à Luz dos Vários Fatores Lingüísticos e Interacionais

Fatores Baseados em Informações e Interações Sociais	No Enunciado com o Morfema <i>Yo</i>	No Enunciado com o Morfema <i>Ne</i>
Informação do discurso	+	
Fluxo da Informação	locutor → destinatário	locutor ← destinatário
Qualidade da Informação	+ (Nova)	(Dada/Velha)
Quantidade da Informação	-	+
Área da Informação pertence ao Locutor	+	-
Subjetividade do Locutor	+	
Interação Social no Discurso		+
Hierarquia Social no Discurso		+
Estratégia da Ênfase do Eu	+	
Estratégia da Polidez		+

“+” → mais forte ou importante    “-” → menos forte ou importante.

12. Cf. Mutsumi Suzuki, 1989, p. 58.



## Bibliografia

- AUSTIN, John Langshaw. *How to Do Things with Words*. Oxford, Oxford University Press, 2ª ed., 1976.
- CHAFE, Wallace L. *Significado e Estrutura Lingüística (Meaning and the Structure of Language)*. Trad. de Maria Helena de Moura Neves, Odette Gertrudes Luiza Altmann de Souza Campos e Sonia Veasey Rodrigues. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos Editora S. A., 1979 (ed. original, 1970).
- FUKASAWA, Lídia Masumi. *O Sistema de Estruturação das Modalidades na Língua Japonesa – Os Auxiliares Verbais e os Morfemas Finais*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1991, (tese de doutorado).
- HAGA, Yasushi. *Gendai Nihongo no Bunpô (Gramática da Língua Japonesa Contemporânea)*. Tokyo, Kyôiku Shuppan, 1978.
- HALLIDAY, M. A. K. “Notes on Transitivity and Theme in English: Part 2”. *Journal of Linguistics*, 3, 1967, pp. 199-244.
- \_\_\_\_\_. “Estrutura e Função da Linguagem” in LYONS, John (org.). *Novos Horizontes em Lingüística*. São Paulo, Editora Cultrix, 1976 (ed. original, 1970), pp. 134-160.
- \_\_\_\_\_. “Dimensions of Discourse Analysis: Grammar” in VAN DIJK, Teun Adrianus (org.). *Handbook of Discourse Analysis: Vol. 2 Dimensions of Discourse*. Orlando, Florida, Academic Press Inc., 1985, pp. 29-56.
- KAMIO, Akio. *Jôhô no Nawabari Riron (Teoria dos Territórios de Domínio da Informação)*. Tokyo, Taishûkan Shoten, 1990.
- KOKUGO GAKKAI (org.). *Kokugogaku Dai Jiten (Grande Dicionário dos Estudos da Língua Japonesa)*. Tokyo, Tokyodô Shuppan, 1980.
- MATSUMURA, Akira (org.). *Nihon Bunpô Dai Jiten (Grande Dicionário da Gramática da Língua Japonesa)*. Tokyo, Meiji Shoin, 1971.
- MAYNARD, Senko K. *Discourse Modality: Subjectivity, Emotion and Voice in the Japanese Language*. Amsterdam, John Benjamins, 1993 (Pragmatics & Beyond: New Series, 24).
- \_\_\_\_\_. *Danwa Bunseki no Kanôsei (Possibilidades da Análise do Discurso)*. Tokyo, Kuroshio Shuppan, 1997.
- MILLER, Laura. “Verbal Listening Behavior in Conversations between Japanese and Americans” in BLOMMAERT, Jan & VERSCHUEREN, Jef (orgs.). *The Pragmatics of Intercultural and International Communication*. Amsterdam, John Benjamins, 1991 (Pragmatics & Beyond, New Series, 6:3), pp. 111-130.
- MUKAI, Yûki. “A Coesão e a Coerência na Língua Japonesa, à Luz das Funções do *Kyûjôhô* (Informações Dadas) e *Shinjôhô* (Informações Novas), em Contraste com a Língua Portuguesa.” In: *Anais do XI Encontro de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa*, 2000. Brasília, Universidade de Brasília, 2001, pp. 135-144.
- NITTA, Yoshio. “Gendai Nihongobun no Modality no Taikei to Kôzô (O Sistema e a Estrutura das Modalidades nas Frases da Língua Japonesa Moderna)” in NITTA, Yoshio & MASUOKA, Takashi (orgs.). *Nihongo no Modality (Japanese Modality)*. Tokyo, Kuroshio Shuppan, 1989, pp. 1-56.
- SAJI, Keizô. *Nihongo no Bunpô no Kenkyû (Estudos sobre a Gramática da Língua Japonesa)*. Tokyo, Hitsuji Shobô, 1991.
- SUZUKI, Mutsumi. “Kikite no Shiteki Ryôiki to Teinei Hyôgen – Nihongo no Teineisa wa Ikanishite Naritatsu ka” (O Território Pessoal do Destinatário e a Expressão Polida – Como se Forma



- a Polidez na Língua Japonesa). *Nihongogaku (Estudos sobre a Língua Japonesa)*, vol. 8. Tokyo, Meiji Shoin, fev. 1989, pp. 58-67.
- TAKUBO, Yukinori. “Meishiku no Modality” (“As Modalidades da Frase Nominal”) in NITTA, Yoshio & MASUOKA, Takashi (orgs.). *Nihongo no Modality (Japanese Modality)*. Tokyo, Kuroshio Shuppan, 1989, pp. 211-233.
- TOKIEDA, Motoki. *Kokugogaku Genron – Zokuhen (Princípios Teóricos sobre a Língua Japonesa – Continuação)*. Tokyo, Iwanami Shoten, 1955.
- WATANABE, Minoru. *Kokugo Kôbunron (Teoria Sintática da Língua Japonesa)*. Tokyo, Hanawa Shobô, 1971.
- WEIL, Henri. *The Order of Words in the Ancient Languages Compared with That of the Modern Languages*. Trad. de Charles W. de Super. Boston, Ginn and Company, 1887 (ed. original, *De l'ordre des mots dans les langues anciennes comparées aux langues modernes*. Paris, 1844).
- YAMADA, Yoshio. *Nihon Bunpôgaku Yôron (Teoria Fundamental sobre os Estudos da Gramática Japonesa)*. Tokyo, Kadokawa Shoten, 1950.

### *Bibliografia de Exemplos Citados:*

- KAWABATA, Yasunari. *Yukiguni (O País das Neves)*. Tokyo, Kadokawa Shoten, 34<sup>a</sup> ed., 1980.